

## DA GEOSOFIA COMO GEOGRAFIA CORDIAL: A OBRA DE JOSUE DE CASTRO COMO INSURREIÇÃO ONTOLÓGICA *Geosophy as a cordial geography: Josué de Castro's work as an ontological insurrection*

Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho<sup>1</sup>

### RESUMO

Ageosofia como conhecimento geográfico emergido da geograficidade e feita de sentimentos de mundo estabelecidos nas experiências geográficas de paisagens, territórios e lugares. Experiências ora de aproximação ora de distanciamento da própria condição terrestre, oscilação de referências e vinculações que vibram à flor da pele no existir do ser-no-mundo. Nesse sentido, a geosofia é conhecimento que desvela a dimensão geográfica do habitar e abre caminhos para um pensar junto ao coração: uma geografia cordial que pulsa junto à Terra. O objetivo deste artigo é cultivar a possibilidade da geosofia como geografia cordial e esta como um pensar insubordinado quanto à cisão homem-Terra que marca o pensamento moderno euro-ocidental. A obra de Josué de Castro aparece enquanto obra geosófica e cordial, pois irrompida de um pensar insubordinado emergido junto à condição terrestre e ao coração. Irrupção aqui compreendida como insurreição ontológica: rebeldia contra a hegemonia do pensamento euro-ocidental e dirigida ao cultivo de outros modos de pensar.

**Palavras-chave:** Geograficidade. Fenomenologia. Habitar. Mangubeat.

### ABSTRACT

Geosophy as geographical knowledge emerged from geography and made up of the feelings of the world established in the geographical experiences of landscapes, territories and places. Experiences of approximation and distance from the earth's own condition, oscillation of references and bindings that vibrate in the existence of being-in-the-world. In this sense, geosophy is knowledge that uncover the geographic dimension of dwelling and that opens the way for a thought to the heart: a cordial geography that pulsates close to the Earth. The purpose of this article is to cultivate the possibility of geosophy as a cordial geography and this geography as an insubordinate thinking about the human-earth split which marks the modern western-european thinking. The work of Josue de Castro appears as a geosophical and cordial work, erupted from insubordinate thinking, because it emerged from the terrestrial condition and close to the heart. Irruption here understood as ontological insurrection: a rebellion against the hegemony of western-european thinking and direction to the cultivation of other ways of thinking.

**Keywords:** Geographicity. Phenomenology. Dwelling. Mangubeat.

<sup>1</sup> Graduado e mestre em Geografia. geo.caegalvao@gmail.com.

✉ Alameda Barão de Limeira, 1022, apto. 62, Campos Elíseos, São Paulo-SP, 01202-002.

## Da geosofia como geografia cordial: a obra de Josué de Castro como insurreição ontológica

Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho

"Seu doutor, não lhe dou ouvidos  
Minha cabeça tá cheia de ideias  
O perfume que eu uso  
Não é como o seu  
Sai daqui da minha terra"  
Angicos<sup>2</sup>

Uma cabeça cheia de ideias cujo corpo exala um perfume da própria terra. Cheiros e pensamentos não hegemônicos pois telúricos: não evocam relações de colonização, mas desejos de liberdade e aterramento. Há tempos o modo de pensar euro-ocidental se espalha pela superfície terrestre e sufoca outros modos possíveis de ser-e-estar-no-mundo (ESCOBAR, 2014; NOGUERA, 2012). É contra esse sufocamento, e em direção ao desvelamento de outros modos possíveis de habitar, que este trabalho cultiva um sentido fenomenológico para o conhecimento geográfico: a geosofia enquanto emergida da geograficidade. Um conhecimento estabelecido em experiências geográficas diversas, feito de sentimentos de mundo que pulsam e vibram diferentes intensidades e profundidades ao longo da existência.

Enquanto modo de pensar junto ao coração, a geosofia emerge como geografia cordial e aponta outras direções possíveis na compreensão do conhecimento geográfico: ser ela uma possibilidade de insurreição contra o pensamento hegemônico euro-ocidental. Insurreição ontológica porque questionadora de modos fundamentais de existência, porque irrompida de um rebelar-se contra um modelo de desenvolvimento, de progresso e de habitar que ao longo dos tempos tem sido sedimentado por distintos processos de dominação territorial e de colonização do pensamento. Como sugere Arturo Escobar (2014), há a necessidade de lutas ontológicas contra a modernidade capitalista,

<sup>2</sup> Música composta por Chico Science para o filme "Baile Perfumado" (1996), de Lírio Ferreira e Paulo Caldas.

liberal e secular, que trouxe uma ontologia dualista: humano/não-humano; natureza-cultura; mente-corpo. Tal dualismo tem acentuado a cisão homem-Terra (HEIDEGGER, 2012; MARANDOLA JR., 2016; NOGUERA, 2012) e é nesse âmbito de preocupação e interesse que o presente artigo pretende caminhar.

Para tanto, o caminho a ser percorrido será tal qual aquele que se realiza quando se anda em um extenso manguezal da espécie *rizophora mangle* – com suas raízes submersas e emersas: andança por caminhos entrelaçados e enlameados, muitas vezes confusos e incertos. Tal pôr-se a caminho é aqui um pensar-meditar na perspectiva de Martin Heidegger (2000, p. 14) da meditação como pensamento "[...] sobre o que está mais próximo: aquilo que diz respeito a cada um de nós, aqui e agora; aqui, neste pedaço de terra natal; agora, na presente hora universal". Desse pensar-meditar emerge uma geografia feita de experiências geográficas compreendidas enquanto acontecimentos que fundam um modo próprio de existir e de compreender o mundo, experiências que aludem à dimensão geográfica da existência nomeada geograficidade (DARDEL, 2011; MARANDOLA JR, 2012).

Nesse caminhar, a obra de Josué de Castro emerge como pensamento insubordinado quanto à cisão homem-Terra. Obra que trouxe à luz o modo como homens e caranguejos compartilhavam um peculiar habitar e que acabou por denunciar certas precariedades sociais até então latentes. Obra irrompida de uma terra natal lamacenta cujos rios e mangues por ela se espalham, mas voltada à condição terrestre, por isso obra que se percorreu a superfície terrestre denunciando diferentes tipos de fome.

Variados foram os alcances das obras e das ações políticas de Josué de Castro, que ao identificar diferentes tipos de fome mostrou como o fenômeno aparecia de modo circunstancial pelos mais variados espaços geográficos. Manuel Correia de Andrade (1997)

## Da geosofia como geografia cordial: a obra de Josué de Castro como insurreição ontológica

Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho

destaca o papel de Josué de Castro para a compreensão da fome e da desigualdade como **consequência** dos processos de colonização e de concentração da renda e da terra no Brasil, e não como **causa** de tais dominações e explorações, como era a compreensão majoritária à época. Outro alcance da obra de Josué de Castro encontra-se no movimento *Manguebeat*: movimento que envolveu distintas artes e artistas (TESSER, 2007; SILVA, 2008) que, insatisfeitos com as precárias condições de vida que muitos recifenses experienciavam no início da década de 1990, movimentaram energias em direção a outras possibilidades de habitar: o desejo era energizar a lama dos manguezais originados de sedimentos carregados pelos rios Capibaribe e Beberibe, e impedir que tanto a cidade como seus moradores atolassem suas existências numa profunda depressão.

Obras irrompidas da lama de uma cidade marcada por uma acentuada desigualdade social manifestada tanto na fome, tão bem identificada e descrita por Josué de Castro, como na atmosfera depressiva denunciada no texto "Caranguejos com Cérebro", conhecido como o primeiro Manifesto *Manguebeat* (SILVA, 2008). Interessante destacar que Chico Science, um dos grandes expoentes do *Manguebeat*, declarou certa vez não se lembrar de ter ouvido sobre Josué de Castro na escola, mesmo sendo ele um morador do Recife. O conheceu quando já era adulto. De qualquer forma, ao se aproximar da obra "Homens e Caranguejos" esta emergiu como fundamental para futuras criações (TENDLER, 1995), por exemplo na música "Antene-se", que integra o primeiro álbum da banda Chico Science & Nação Zumbi (1994), "Da lama ao Caos": "Recife, cidade do mangue / incrustada na lama dos manguezais / Onde estão os homens caranguejos [...] Onde a lama é a insurreição". Homens-caranguejos que, dotados de cérebros, compreendem a lama como condição

e destino, mas também como possibilidade da criação de um outro habitar: a lama enquanto insurreição.

Nesse sentido, caminhando entre raízes entrelaçadas e enlameadas, afundando os pés e esforçando para que estes novamente emergjam à superfície, e no intuito de cultivar a emergência de uma compreensão fenomenológica do conhecimento geográfico, é possível identificar três grandes trilhas a serem percorridas enquanto objetivos para este artigo:

1) **Adensar a perspectiva fenomenológica da geosofia** pensada na dissertação "Por abismos...casas...mundos: a geosofia como perspectiva fenomenológica da geografia"<sup>3</sup>, defendida por este autor (GALVÃO FILHO, 2016). Nela, houve a primeira aproximação entre geograficidade e geosofia, a partir da compreensão do ato de viajar enquanto um deslocar-se por mundos conhecidos e desconhecidos. A compreensão fora a de que a cisão homem-Terra, que marca a modernidade disseminada pelo pensar euro-ocidental, distancia o homem de pensar a partir de sua condição terrestre, isto é, distancia a possibilidade de um pensar geosófico, pois a geograficidade permanece esquecida pela racionalidade até então hegemônica. Nesse sentido, é preciso cultivar o pensar geosófico para que ele irrompa enquanto um pensar junto ao coração e à condição terrestre, fazendo assim emergir uma geografia cordial.

2) **Compreender geosoficamente obras de Josué de Castro e do *Manguebeat***. A partir da perspectiva fenomenológica da geosofia, pensar na proximidade de tais obras junto à condição terrestre, isto é, como essas criações irrompem de experiências geográficas sentidas e cultivadas por um pensamento cuja vitalidade da geograficidade é manifesta.

3 A dissertação pode ser encontrada no seguinte endereço: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/321445>>

## Da geosofia como geografia cordial: a obra de Josué de Castro como insurreição ontológica

Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho

3) **Pensar a possibilidade da obra geosófica enquanto insurreição ontológica.** Compreender que essa criação é reação e rebeldia ao pensar euro-ocidental, pois pensada junto à condição terrestre porque obra que irrompe de corações próximos a tal condição. Nesse sentido, obra que resguarda o pulsar da existência e alberga a vitalidade de um conhecimento geográfico estabelecido na experiência da geograficidade.

Para finalizar esta primeira parte, introdutória, é possível dizer que o esforço de cultivar um conhecimento geográfico insubordinado à cisão homem-Terra, a saber o cultivo da geosofia emergida da geograficidade, tem como horizonte a emergência de um **pensar aterrado**: pensamento em que as ideias e os perfumes exalados irrompam dos chãos habitados pelas mentes e pelos corações daqueles que se põem a caminho de pensar geosoficamente os mundos que somos.

### DA GEOGRAFICIDADE À GEOSOFIA: CULTIVAR UM SENTIR

Criei-me nos mangues lamacentos do Capibaribe cujas águas fluindo diante dos meus olhos ávidos de criança, pareciam estar sempre a me contar uma longa história. O romance das longas aventuras de suas águas descendo pelas diferentes regiões do Nordeste: pelas terras cinzentas do sertão sêco, onde nasceu meu pai e de onde emigrou na sêca de 77 com tôda a família, e pelas terras verdes dos canaviais da zona da mata, onde nasceu minha mãe, filha de senhor de engenho. Esta era a história que me sussurrava o rio com a linguagem doce de suas águas passando assustadas pelo mar cinza do sertão, caudalosas pelo mar verde dos canaviais infundáveis e remançosas pelo mar de lama dos mangues, até cair nos braços do mar de mar. Eu ficava horas e horas imóvel sentado no cais, ouvindo a história do rio, fitando as suas águas correrem como se fôsse uma fita de cinema.

Foi o rio, o meu primeiro professor de história do Nordeste, da história desta terra quase sem história. A verdade é que a história do Nordeste me entrou muito mais pelos olhos do que pelos ouvidos (CASTRO, 1967, p. 18-19).

O sentido do conhecimento geográfico a ser aqui cultivado pode ser melhor compreendido a partir de duas noções fundamentais: de mundo enquanto um “[...] termo para designar os homens, mas não como elementos do cosmo, como coisas naturais, mas em suas relações históricas e existenciais”, conforme Martin Heidegger (2009, p. 319) escrevera e que de certo modo Werther Holzer (2012, p. 302) corrobora quando sugere aos geógrafos “[...] falar do ‘mundo’ e deixar o ‘espaço’ para os astrônomos, os físicos e os matemáticos”. Tal noção de mundo permite a compreensão de uma realidade não-cartesiana ou, nos termos de Edmund Husserl (2012), não matematizada *a priori*. E da noção de interpretação, de Eric Dardel (2011, p. 47), quando este afirma que “[...] sempre transita entre o Homem e a Terra uma **interpretação**, uma estrutura e um ‘horizonte de mundo’ [...]”. Desse modo, o sentido do **conhecimento geográfico** a ser aqui cultivado é assim o de ser um determinado **modo de interpretação do mundo**, um modo não-cartesiano pois originário: **ontológico**.

A citação de Josué de Castro destacada é um trecho do prefácio de seu romance “Homens e Caranguejos” e permite melhor explicar o título desta presente seção. Da geograficidade à geosofia alude à necessidade do cultivo de um determinado modo de conhecimento do mundo, um modo feito de sentimentos de mundo. Tais sentimentos, nesse sentido, constituem modos próprios de habitar, isto é, de ser-no-mundo, sentimentos estes emergidos da condição terrestre. No entanto, concordando com o sentido heideggeriano de esquecimento do ser e da crítica husserliana à matematização da natureza e naturalização da matemática, partimos da compreensão de que tal

## Da geosofia como geografia cordial: a obra de Josué de Castro como insurreição ontológica

Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho

conhecimento feito de sentimentos de mundo esteja ele mesmo esquecido e distante do pensar contemporâneo: é necessário cultivá-lo. Partimos aqui da compreensão de que Josué de Castro assim o fez: a partir de suas experiências geográficas investigou o fenômeno da fome e desvelou um mundo de homens-caranguejos.

Mas não se trata aqui, é preciso deixar claro, de alçar o autor a um patamar distante da maioria dos mortais, como se tal criação fosse algo inalcançável. Pelo contrário, trata-se, a partir de Josué de Castro e também do *Manguebeat*, de reconhecer que todo habitante resguarda em si a possibilidade de criar obras a partir de suas próprias experiências geográficas, isto é, **criar obras a partir de sentimentos geográficos**. Quantos de nós já não ficamos senão em rios, mas em praias, morros, praças, janelas, ruas ou calçadas, a espreitar o pulsar das coisas do mundo? Quantos mundos imaginados, sonhados, ouvidos ou vistos, experienciados como paisagens, territórios e lugares, não temos para contar, para lembrar, chorar ou sublimar? Quantos mundos permanecem distantes e esquecidos em nossas mentes e em nossos corações, sufocados por uma noção de razão que aparta Homem e Terra? Nesse sentido, trata-se, antes de tudo, de cultivar um conhecimento geográfico que pode revelar ao homem sua própria condição terrestre, isto é, que pode levá-lo a compreender geograficamente sua situação tal qual ser-no-mundo. Martin Heidegger (2009, p. 5) escrevera que “[...] nós mesmos precisamos tomar e despertar, livremente o filosofar em nós”, aludindo que todos “[...] já estamos na filosofia porque a filosofia está em nós e nos pertence” (HEIDEGGER, 2009, p. 3). A partir disso, propõe-se aqui pensar a geosofia como algo que, pertencendo à condição terrestre, já exista em nós, havendo então a necessidade de deixá-la despertar livremente em nossas mentes e em nossos corações.

Para melhor trabalhar tais proposições, esta seção está a seguir dividida em duas partes: “Da natureza do conhecimento geográfico

nomeado geosofia”; “Do fato de Josué de Castro ter cultivado experiências geográficas”.

### *Da natureza do conhecimento geográfico nomeado geosofia*

Está albergada na geograficidade a natureza do conhecimento geográfico nomeado geosofia. Eis o que se está propondo aqui meditar.

O termo geosofia refere-se ao usado pelo geógrafo estadunidense John Kirtland Wright, em 1946, no discurso proferido para a Associação dos Geógrafos Americanos (AAG). Na ocasião, pensando as terras incógnitas que ainda restariam a ser exploradas após satélites, aviões e outras tecnologias mapearem ponto por ponto a superfície terrestre, John K. Wright (2014, p. 18) sugere que “[...] as mais fascinantes de todas as *terrae incognitae* são aquelas que ficam dentro das mentes e corações dos homens”. Interessado no lugar da imaginação na Geografia, estava ele considerando um conhecimento geográfico distinto do institucionalizado, a geosofia enquanto “[...] estudo do conhecimento geográfico a partir de qualquer ponto de vista” (WRIGHT, 2014, p. 14). O discurso de 1946 é seminal quanto às buscas humanistas e fenomenológicas em Geografia, inspiração deixada em aberto pelo próprio John K. Wright (2014, p. 15) “Na periferia que fica fora do núcleo da geografia científica há encantadoras *terrae incognitae*” que “[...] contém campo fértil esperando o cultivo com as ferramentas e com o espírito das humanidades”.

David Lowenthal (1982) inicia seu artigo sobre experiência e imaginação em Geografia com a frase derradeira do discurso, justamente o trecho que alude às mentes e aos corações dos homens, e finaliza sua reflexão epistemológica destacando como os lugares que moramos, visitamos, viajamos, os mundos que lemos ou vemos em obras de arte e outras experiências, acabam por constituir nossas

## Da geosofia como geografia cordial: a obra de Josué de Castro como insurreição ontológica

Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho

imagens sobre a natureza e os próprios homens: a imagem que temos do mundo e das coisas do mundo. Por sua vez, Eduardo Marandola Jr. (2010, p. 9) reconhece que “Wright não opõe ou contrapõe os tipos de conhecimento. Para ele, era tão importante a pesquisa científica do geógrafo (Geografia formal) quanto a leitura de romances regionais (geografia informal)”. Werther Holzer (2012, p. 302) enfatiza o fato de John K. Wright considerar todo habitante terrestre um geógrafo e indica que uma

[...] ciência geográfica fenomenológica deve partir do estudo do ser, do corpo que fixa lugares, a partir dos quais vai se desvelar o mundo, não apenas do indivíduo, mas o ser-em-comum, com os quais [...] compartilhamos todos, como geógrafos [...].

É plausível considerar que o texto de John K. Wright provocara em geógrafos humanistas uma reflexão sobre a própria natureza do conhecimento geográfico. A angústia que envolvia a busca por uma ciência geográfica mais próxima do mundo da vida ganhara com a geosofia a possibilidade de um nome para meditação acerca da natureza do conhecimento geográfico. É nesse sentido que a já mencionada dissertação de Galvão Filho (2016) buscou pensar a geosofia numa perspectiva fenomenológica. Isso fora feito justamente atando à geosofia a noção dardeliana de geograficidade.

Considerando a geograficidade como um dado modo de existir e de compreender a realidade, Eric Dardel (2011, p. 47) pensou uma história da geografia preocupada com o “[...] despertar de uma consciência geográfica, através das diferentes intenções sob as quais aparece ao homem a fisionomia da Terra”. Estava ele preocupado com o **como** uma realidade geográfica aparece e é compreendida, um como que é **circunstancial** e que varia conforme a situação, que emerge a partir do próprio modo como se vai ao encontro dessa realidade. Dito de outro

modo, um **como feito das experiências geográficas** diversas que são estabelecidas ao longo da existência. Geosofia e geograficidade são então atadas a partir de uma meditação acerca desse como: o modo **como** a Terra aparece ao homem e o modo **como** o homem vai ao encontro da Terra. Atadas a partir de uma compreensão não-dicotômica da relação homem-Terra, mas pelo contrário, relação compreendida enquanto inextricável: um não existe sem o outro.

Atar geograficidade e geosofia permitiu pensar fenomenologicamente a geosofia. Eric Dardel já havia pensado a geograficidade numa perspectiva fenomenológica e Martin Heidegger (2012, p. 101, destaques no original) evocara que o método fenomenológico “Não caracteriza o quê de conteúdo-de-coisa dos objetos da pesquisa filosófica, mas o seu **como**”. Com isso, havendo uma dimensão ontológica do habitar denominada geograficidade, isto é, um modo próprio de ser-no-mundo fundado na experiência geográfica, considerou-se a geosofia como um modo correspondente de pensar tal dimensão, um modo próprio de compreensão da realidade geográfica. A geosofia enquanto sentimento visceral de um mundo feito de espaços geográficos experienciados qualitativamente, de experiências que acabam por dar, a cada existência, um sentido próprio, pois experiências que aludem ao **como** paisagens, territórios e lugares aparecem ao homem ao longo de sua existência.

Desse modo, a partir de meditar um sentido para a geosofia a partir de John K. Wright (2014, p. 14), mais precisamente a partir da noção de que ela é o “[...] estudo do conhecimento geográfico a partir de qualquer ponto de vista”, propõe-se aqui considerar: **a partir de qualquer ponto de vista porque fundada na geograficidade**. O que une tais pontos de vista não é um exercício realizado *a posteriori*, como fruto de uma sistematização a ser produzida intelectualmente, por exemplo. O que une qualquer ponto de vista e abre a possibilidade

## Da geosofia como geografia cordial: a obra de Josué de Castro como insurreição ontológica

Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho

para serem estudados geograficamente é justamente a geograficidade compreendida enquanto dimensão ontológica da existência (DARDEL, 2011; MARANDOLA JR., 2012). Albergada nessa dimensão originária, a geosofia emerge como conhecimento fenomenológico pois fundada em acontecimentos que são as experiências geográficas tensionadas no embate terra-mundo (DAL GALLO, 2015). Quando Eric Dardel (2011, p. 2) escreve que “O conhecimento geográfico tem por objeto esclarecer [...] isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino”, pergunta-se: que conhecimento é esse? Resposta: a **geosofia**, conhecimento geográfico fenomenológico, **conhecimento que esclarece ao homem o modo como habita**, seu modo próprio de ser-no-mundo.

Geografia pensada junto à condição terrestre e ao coração: cordial. Sérgio Buarque de Holanda (1995, p. 205) esclarece que o termo cordial fora usado por ele no sentido das coisas que “[...] nascem do coração” e por isso aqui se escreve: **geografia cordial**, feita de um conhecimento geográfico emergido da geograficidade. Conhecimento geográfico feitos de **pontos cordiais** que situam o ser-no-mundo: referências de um mundo vivido geograficamente enquanto experiências de paisagens, territórios e lugares. Referências emergidas das batidas de corações que pulsam e invadem as mentes dos homens, pulsar criador de referenciais emergidos da condição terrestre e orientadores de um modo geográfico de compreensão do mundo. A **geosofia feita de pontos cordiais**, um modo de pensar geograficamente o mundo e feito de sentimentos geográficos de mundo.

E como podemos, a partir do que fora exposto até aqui, melhor compreender esse modo de pensar geograficamente o mundo?

Por um lado, é o próprio John K. Wright (1925), em outro texto, quem abre caminhos para tal compreensão, quando pensa as ideias geográficas enquanto fenômenos geográficos. Que podem ser ideias geográficas enquanto fenômenos, isto é, que abre a possibilidade

de haver um fenômeno que dá origem a ideias geográficas? A geograficidade, pensada enquanto modo de acontecimento do embate terra-mundo. Por outro lado, é Jean-Marc Besse (2015) quem também abre caminhos, quando sugere quatro estruturas – entendidas como condições transcendentais – para a geograficidade: senso de distância; senso de orientação e direção; senso de estrutura ou situação; senso de grandeza. Para o autor, tais sentidos estruturam um modo de existência nomeado geograficidade. Nesse sentido, propõe-se aqui que tais estruturas sejam compreendidas enquanto um tipo de senso terrestre ou, mais precisamente, um **senso de geograficidade**, cujo nome atende por **geosofia**. Feita de ideias geográficas oriundas de fenômenos geográficos que são, por sua vez, modos geográficos do acontecimento terra-mundo, a geosofia emerge enquanto senso da geograficidade ou, dito de outro modo: enquanto um **como orientador de mundos**, sendo a palavra mundo compreendida enquanto “[...] totalidade específica da multiplicidade ontológica que é compreendida de maneira una no ser-com os outros, no ser junto a e no ser-si-mesmo” (HEIDEGGER, 2009, p. 328).

Entretanto, um senso mais vivido que exprimido, também pouco pensado cientificamente se considerarmos a crítica fenomenológica à razão cartesiana, uma dimensão existencial ignorada pela ciência moderna, que por sua vez priorizou a matemática como verdade orientadora e viu nas ciências naturais as bases para consolidação das ciências sociais (SANTOS, 2010). Daí a necessidade de cultivar a geosofia como um pensar voltado à condição terrestre: cultivar o cuidado com o que está próximo e cultivar o meditar sobre o sentido das coisas. Daí a relevância de Josué de Castro, após ser invadido pelo rio, ter cultivado tal invasão e, a partir dela, ter criado mundos impregnados da vitalidade de sentimentos geográficos um dia despertados em sua mente e em seu coração.

*Do fato de Josué de Castro ter cultivado experiências geográficas*

A possibilidade da obra de Josué de Castro ser compreendida enquanto obra geosófica decorre do fato de ele ter cultivado experiências geográficas, como pode ser verificado tanto em suas obras científicas, como em seu romance “Homens e Caranguejos”, ou mesmo em seus prefácios, depoimentos e entrevistas coletadas.

Acerca do interesse pela fome, Josué de Castro (apud MELO; NEVES, 2007, p. 44) aponta a própria história do pai na seca de 1877: “Quando eu quis saber o conteúdo da macambira e do xiquexique foi porque meu pai desceu o sertão comendo farinha de macambira, e eu queria saber por que motivo ‘o sertanejo é, antes de tudo, um forte’”. E continua: “Pois um dia, uma auxiliar minha entrou na sala com uma exclamação: ‘Os reagentes estão todos estragados!’”, ao passo que explica o acontecido e a consequente descoberta: “É que se havia precipitado tanto cálcio naquela dosagem, que ela só podia atribuir ao reagente aquele fenômeno. A macambira tem quinze vezes mais cálcio que o leite!”.

Mas também conta que a fome apareceu em suas próprias experiências, embora mais observada do que propriamente uma fome sentida em suas vísceras. Em outros dois trechos do prefácio do romance “Homens e Caranguejos” ele escreve a respeito:

Procuro mostrar neste livro de ficção que não foi na Sorbonne nem em qualquer outra universidade sábia que travei conhecimento com o fenômeno da fome. O fenômeno se revelou espontaneamente a meus olhos nos mangues do Capibaribe, nos bairros miseráveis da cidade do Recife: Afogados, Pina, Santo Amaro, Ilha do Leite. Esta é que foi a minha Sorbonne: a lama dos mangues do Recife, fervilhando de caranguejos e povoada de seres humanos feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejo (CASTRO, 1967, p. 12).

Foram com estas sombrias imagens dos mangues e da lama que comecei a criar o mundo da minha infância. Nada eu via que não me provocasse a sensação de uma verdadeira descoberta. Foi assim que eu vi e senti formigar dentro de mim, a terrível descoberta da fome. Da fome de uma população inteira escravizada à angústia de encontrar o que comer. Vi os caranguejos espumando de fome à beira da água, à espera que a correnteza lhes trouxesse um pouco de comida, um peixe morto, uma casca de fruta, um pedaço de bosta que eles arrastariam para o sêco para matar a sua fome. E vi, também, os homens sentados na balaustrada do velho cais a murmurarem monossílabos, com um talo de capim enfiado na boca, chupando o suco verde do capim e deixando escorrer pelo canto da boca uma saliva esverdeada que me parecia ter a mesma origem da espuma dos caranguejos: era a baba da fome. (CASTRO, 1967, p. 19)

Tais depoimentos e escritos evidenciam uma aguçada sensibilidade para com a realidade geográfica por ele experienciada. Sensibilidade cultivada tanto como experiência como pensamento sistematizado, vide sua importância nos estudos sobre a fome (ANDRADE, 1997). Não há desprezo pelo conhecimento produzido na universidade, mas ele o distingue e exalta outros modos de conhecer, modos que outrora fizeram seu sangue fervilhar, pois modos emergidos de uma aproximação da condição terrestre. Condição terrestre que lhe é aproximada a partir do contato com um habitar insólito, feito sobretudo de lama, de manguê e de caranguejo, cuja morada se dá em mocambos que Josué de Castro (1959) identificara como verdadeiras senzalas remanescentes. A partir de experiências geográficas, Josué de Castro cria mundos ao desvelar realidades sentidas visceralmente, isto é, ele nomeia fenômenos geográficos que observa e sente ao longo de sua existência. **Nomear**, nesse caso, tem o sentido de **trazer para perto a condição terrestre: fazer emergir um modo de compreensão da experiência da geograficidade.**

## Da geosofia como geografia cordial: a obra de Josué de Castro como insurreição ontológica

Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho

O romance dos homens-caranguejos é ele uma espécie de florescimento do conto “O ciclo do caranguejo” escrito por Josué de Castro aos 21 anos, época em que escrevera contos que via “[...] como que as primeiras tentativas de índole mais emocional do que racional de dar expressão aos nossos sentimentos diante destas sombrias paisagens de uma geografia da fome” (CASTRO, 1959, p. 8). No romance é narrada a saga da família Silva em busca de melhores condições de vida. O pai, Zé Luís, conta que fugira da seca de 1947 após seu filho, irmão de João Paulo, morrer depois de arder em febre e desejar profundamente uma água que já não mais havia. A família então migra e acaba por estabelecer moradia nas áreas ignoradas pelo mercado imobiliário, os manguezais. João Paulo torna-se então morador de mocambo em Aldeia Teimosa, no Recife. Muito novo deixara ele o sertão. Mangue, mocambo e caranguejo tornam-se sua realidade geográfica mais próxima, realidade esta compreendida ora com resignação ora com revolta. Do mangue ele avistava ao longe casas ricas e imaginava se pudesse ser um dia jardineiro em uma delas, para poder sempre sentir “[...] o cheiro bom das plantas dos jardins e pisar de leve naqueles gramados verdes e macios [...]” e não mais sentir “[...] o tempo todo o cheiro podre da maré e de andar sempre dentro da lama como se fôsse caranguejo” (CASTRO, 1967, p. 31). Transitando entre mangue e cidade rica, percorrendo distintas paisagens de uma Recife demasiadamente desigual quanto à qualidade da vida de seus habitantes, João Paulo vai aos poucos reconhecendo seu lugar no mundo e entrando em contato com habitantes insatisfeitos com uma situação de vida semelhante à sua. Tais habitantes aparecem então para ele como “[...] figuras de heróis das antigas histórias de cavaleiros armados [...] Como se fôssem gigantes com o corpo fabricado com grandes blocos de barro, retirados do próprio mangue”, são pescadores de caranguejos compreendidos como “[...] heróis do mangue. E João

Paulo se sente como se fôsse um filho dessa família” (CASTRO, 1967, p. 45-46).

Ao cultivar experiências geográficas do seu senso de geograficidade, o pensamento de Josué de Castro se aproxima da compreensão de Heidegger (2006, p. 111) de que “A memória é concentração do pensamento. Em relação a quê? Em relação a isso que nos atém ao modo próprio de ser, à medida que, ao mesmo tempo, o pensamos cuidadosamente junto de nós”. Pensar cuidadosamente enquanto cuidar das medidas que constituem o modo próprio de ser-no-mundo, pensar cuidadosamente enquanto cultivar tais medidas: criar novas, deixar morrer antigas [...] Atraído pela diversidade de espaços geográficos da cidade, alimentado pelas histórias ouvidas, lidas e vividas, o pensamento de Josué de Castro evoca uma memória originária, concentrada na mente e no coração, memória pulsante que floresce como **geosofia: um pensamento que resguarda a vitalidade da geograficidade**.

Novamente os pensamentos de Eric Dardel e John K. Wright se encontram, assim como são potencializados a partir de Martin Heidegger (2012, p. 1025), desta vez acerca da sua compreensão da palavra história: “[...] história não significa tanto o ‘passado’, no sentido do que passou, mas o **originar-se** a partir dele”. **Originar-se a partir da geograficidade enquanto cultivar a geosofia**, isto é, a geosofia enquanto conhecimento geográfico que **desvela uma história geográfica que tende a permanecer encoberta**, mais vivida que exprimida. História geográfica pouco cultivada pela ciência moderna, pouco cuidada para ser exprimida enquanto conhecimento de mundo. Uma história estranha ao habitar contemporâneo. “É possível que nosso habitar sem poesia, que nossa incapacidade de tomar uma medida provenha da estranha desmedida que abusa das contagens e medições”, escrevera Martin Heidegger (2006, p. 179), no que

## Da geosofia como geografia cordial: a obra de Josué de Castro como insurreição ontológica

Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho

concordamos e assim escrevemos: é possível que um estranhamento para com a geosofia seja devido a uma demasiada distância da possibilidade de compreendermos as possibilidades de uma geografia cordial. Ou, dito de outro modo: estranhamento oriundo de um habitar pouco habituado a pensar junto ao coração.

Nesse sentido, o fato de Josué de Castro ter cultivado experiências geográficas abre a possibilidade para tentar adentrarmos na compreensão de tal geografia pensada junto ao coração. É preciso, antes de continuarmos, esclarecer que o modo de compreender aqui buscado não inclui uma relação de causa e efeito entre geograficidade e geosofia. É o próprio Josué de Castro (apud MELO; NEVES, 2007, p. 42) quem nos alerta para isso, quando afirma que “[...] na realidade, queria era ser psiquiatra, mas Ulhoa Cintra tinha dois aparelhos de metabolismo. Me vendeu um. Resolvi fazer nutrição”. São bastante conhecidos e adequados para este momento os versos de Vinicius de Moraes que afirmam ser a vida a arte do encontro, embora existam tantos desencontros ao longo da mesma. Os caminhos de pensamento aqui percorridos lutam para permanecerem em aberto, não se quer propor fórmulas ou modelos de desvelar a geosofia enquanto história geográfica encoberta. Luta-se para cultivar a possibilidade de uma **poética da geosofia**, isto é, de criação de uma **história narrada a partir de sentimentos geográficos**. História a ser desvelada enquanto criação, não enquanto um resultado exato de experiências pretéritas.

Ainda sobre o fato de Josué de Castro ter cultivado experiências geográficas, duas compreensões merecem destaque: a importância de sua obra ter contribuído para a irrupção do *Manguebeat*, ou seja, da obra enquanto criação seminal para irrupção de outras obras; do reconhecimento de que todo habitante tem em si a geosofia e isso o habilita a criar obras geosóficas, concordando que todos somos geógrafos “formados” pela experiência da geograficidade. Antes de

atingir uma dada erudição acadêmica de herança ocidental ou antes de atingir os satélites e as antenas parabólicas, as obras de Josué de Castro e do *Manguebeat* irrompem de um chão primitivo: emergem da condição terrestre. Eis o sentido de obra geosófica que a seguir tentarei aprofundar.

### DA NATUREZA DA OBRA GEOSÓFICA: DA TERRA NATAL EM DIREÇÃO AO CÉU

A obra geosófica enquanto emergida da condição terrestre nomeada geograficidade. Que pode ser isso?

Josué de Castro (1959, p. 60-61) nos dá uma primeira indicação do caminho a ser perseguido, quando considera que “[...] a arte é sempre tendenciosa, pois encerra em tôdas as suas expressões a reação do humano diante das fôrças circundantes e esta reação tem que ser necessàriamente também uma fôrça”. Reação diante das forças circundantes, a arte na compreensão de Josué de Castro não é indiferente à realidade geográfica, pelo contrário: é a própria realidade geográfica que abre a possibilidade para que se evoque uma força e dela irrompa uma criação. Reação de um ser-no-mundo misturado à realidade geográfica que lhe é mais próxima, a arte como reação emergida do senso de geograficidade que irrompe em direções primitivas, pois “[...] não há fôrça sem diretriz. E quem diz diretriz diz tendência” continua Josué de Castro (1959, p. 61). **A obra geosófica como irrupção tendenciosa: orientada pelo senso de geograficidade.**

Reação que os artistas Fred Zero Quatro, Chico Science e Renato Lins (SILVA, 2008) expressaram no texto conhecido como o primeiro Manifesto *Manguebeat*: “Caranguejos com Cérebro<sup>4</sup>”, escrito no

<sup>4</sup> Há três versões conhecidas do texto “Caranguejos com Cérebro” e que podem ser encontradas nos anexos da dissertação de Gláucia Peres da Silva (2008).

## Da geosofia como geografia cordial: a obra de Josué de Castro como insurreição ontológica

Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho

início da década de 1990. Texto dividido em três partes: “Mangue – o conceito; *Manguetown* – a cidade; Mangue – a cena”. Incomodados com a situação precária de uma cidade assolada há séculos por uma minoritária classe dominante, apontaram que “O Recife detém hoje o maior índice de desemprego do país. Mais da metade dos seus habitantes moram em favelas e alagados [...] é hoje a quarta pior cidade do mundo para se viver” (SILVA, 2008, p. 157). Reagiram e clamaram por outras possibilidades de habitar a lama que há tempos sustenta, mas que há muito também atola a cidade e seus moradores:

Emergência! um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruir as suas veias. O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários. **O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos?** Como devolver ânimo, deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples! **Basta injetar um pouco de energia na lama** e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife.

Em meados de 91, começou a ser gerado e articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de ideias pop. O objetivo é engendrar um circuito energético capaz de **conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop**. Imagem símbolo: **uma antena parabólica enfiada na lama** (SILVA, 2008, p. 157, destaques acrescentados).

Emergência evocada como apelo. Apelo telúrico que faz lembrar o pensamento de Eric Dardel (2011, p. 2): “[...] é um apelo que vem do solo, da onda, da floresta [...]” ...do mangue. A Terra não aparece como se o homem tivesse diante de seus olhos um atlas a ser folheado, mas como realidade a ser decifrada, enfrentada, vivida visceralmente. Um

apelo evocado por uma aguçada sensibilidade para com uma realidade geográfica adoentada. O desejo de energizar a lama é o **desejo de energizar a própria existência**, de impedir que uma depressão crônica se alastre pela cidade e faça com que cada vez mais seus moradores se esqueçam da vitalidade terrestre. Desejo de desobstruir não apenas os rios cheios de esgotos e lixos, mas também de deixar fluir, nas veias, artérias e nos corações de seus habitantes, o pulsar próprio da condição terrestre. Apelo de homens-caranguejos cujos cérebros buscam no próprio chão a que estão habituados outros modos de ser-e-estar-no-mundo.

Mas não é uma relação encerrada nesse próprio chão, como se estivessem a criar obras ensimesmadas ou mesmo obras “puras” no sentido de não aceitarem outros ares e outras cores. Há o desejo de misturar-se com outras existências e paisagens, outros chãos e atmosferas: o que está fincada na lama é uma antena parabólica.

E que pode ser o sentido geosófico de uma antena parabólica fincada na lama?

Martin Heidegger, em discurso proferido em 1949, no qual estava a homenagear um artista da mesma cidade onde nascera, permite uma melhor compreensão acerca da questão sobre a imagem símbolo do *Manguebeat*. Meditando acerca do sentido de enraizamento no habitar contemporâneo, o filósofo disse que “A perda do enraizamento provém do espírito da época, no qual todos nascemos” (HEIDEGGER, 2000, p. 17) aludindo assim aos seus escritos acerca do que denominou crise do habitar, no sentido desta crise ser provocada pela cisão homem-Terra ao longo do desenvolvimento do pensamento ocidental. Diante desse cenário, Martin Heidegger (2000, p. 17) questiona que “[...] sendo assim podem ainda, no futuro, o Homem ou a obra humana medrar do solo da terra natal e crescer em direção ao Éter, ou seja, em direção à extensão (*Weite*) do céu e do espírito?”, ao passo que complementa anunciando

## Da geosofia como geografia cordial: a obra de Josué de Castro como insurreição ontológica

Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho

um cenário desolador: “Ou cairá tudo nas tenazes do planeamento e do cálculo, da organização e da automatização?”. Compreendendo que um sentido antigo de enraizamento se perdera, mas que há um outro que pode ser realizado com uma nova atitude perante as mudanças de um mundo técnico que estava em plena expansão, evoca o filósofo que essa nova atitude seja uma serenidade para com as coisas: “Quando a serenidade para com as coisas e a abertura ao mistério despertarem em nós, deveríamos alcançar um caminho que conduza a um novo solo”. No discurso, Martin Heidegger aponta que tal serenidade e abertura para o mistério emergem de um pensamento que medita: que cuida do que está próximo. É nesse sentido que aqui se propõe a **geosofia enquanto um pensar-meditar sobre a condição terrestre**, enquanto caminho de pensamento que possibilita outros modos de ser-no-mundo que não o modo hegemônico ocidental: modo que distancia o homem da sua condição terrestre.

Tem-se, portanto, que a obra geosófica brota do solo da terra natal em direção ao céu. E que a natureza da obra geosófica é a de ser **reação de um pensar insubordinado em relação à cisão homem-Terra**. Reação irrompida de um determinado senso de geograficidade que não é individual no sentido de ser indivisível ou meramente subjetivo, pois albergado na própria condição terrestre ele é desde sempre intersubjetivo. “O homem coletivo sente a necessidade de lutar” (ZUMBI, 1994). Da terra natal em direção ao céu, de uma base lamacenta na qual uma antena parabólica irrompe e faz ressoar uma energia espalhada por *mangueboys* e *manguegirls*, vibram sentimentos geográficos transmutados em letras, imagens e melodias, sentimentos que atingem as mentes e os corações dos homens. Mundos se encontram, eis a obra geosófica enquanto **obra cordial: reação de sentimentos geográficos que ressoam e repercutem pontos cordiais**.

“Eu vim com a Nação Zumbi / Ao seu ouvido falar [...] Cheguei com meu universo / e aterriso no seu pensamento / Trago as luzes dos

postes nos olhos / **Rios e pontes no coração / Pernambuco embaixo dos pés / E minha mente na imensidão**”, canta a abertura do segundo álbum da banda Chico Science & Nação Zumbi (1996, **grifos nossos**) “Afrociberdelia”. Cantar uma voz encorpada por rios e pontes trazidos junto ao coração, cantar com os pés que outrora estavam afundados na lama, dialogar com a imensidão das coisas do mundo. Diálogo de uma linguagem telúrica, geosófica: irrompida de experiências da geograficidade. Música feita de um pensar cuja memória concentrada não aparece como uma espécie de saudosismo ou nostalgia, a obra geosófica lembra da terra natal não como tristeza de algo que se perdeu, mas como energia revigorante para construir algo que está por vir. Nesse sentido, a **obra geosófica cultiva a cumplicidade homem-Terra**, pois conserva a condição terrestre junto ao coração.

Fincada na lama, a antena parabólica resguarda a abertura do mundo. Emergidos do sertão, da zona da mata e do mangue, os estudos sobre a fome transcendem fronteiras e espalham-se pela superfície terrestre. Emergidas de uma lama que é insurreição, as obras geosóficas de Josué de Castro e do *Manguebeat* irrompem como apelo para que outros modos possíveis de pensar e de habitar a Terra sejam buscados.

**Onde a lama é insurreição, a geosofia é aterramento**: pensamento que cuida do que está próximo, que traz junto ao coração um habitar conectado tanto com a terra como com o céu. Pois pertence à natureza da obra geosófica dois deslocamentos que são, ao mesmo tempo, inversos e complementares: um que vai do homem em direção à Terra e do qual emerge a arte propriamente criada, e outro que vai da obra em direção ao homem e que abre caminhos para que ele compreenda a si mesmo enquanto ser-no-mundo: “[...] o homem necessita de, por sua vez, **se dirigir**, para se reconhecer no mundo circundante, para **se encontrar** [...]” (DARDEL, 2011, p. 11). Do solo da terra natal irrompe

## Da geosofia como geografia cordial: a obra de Josué de Castro como insurreição ontológica

Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho

uma obra que possibilita o homem compreender sentidos de suas experiências geográficas: **ela o situa**. “Este corpo de lama que tu vê / É apenas a imagem que sou / Este corpo de lama que tu vê / É apenas a imagem que é tu” diz a música “Corpo de lama” (ZUMBI, 1996). Lama, satélites, mangue, alfaias, bumbos, guitarras, mocambos, caranguejos, pontes, prédios, carros e coletivos, mistura multicolorida de uma cidade em efervescência, cujos habitantes com pés que fervilham e que parecem emanar o calor do manto terrestre, com cérebros que sublimam experiências geográficas em direção a outras atmosferas, artistas que fazem ecoar tanto maracatus ancestrais como sentimentos viscerais digitalizados. Assim a música “Antene-se” (ZUMBI, 1994) conta origens e desejos de caranguejos de cérebros teluricamente criativos:

É só uma cabeça equilibrada em cima do corpo  
Escutando o som das vitrolas, que vem dos mocambos  
Entulhados à beira do Capibaribe  
Na quarta pior cidade do mundo  
Recife, cidade do mangue  
Incrustada na lama dos manguezais  
Onde estão os homens caranguejos  
Minha corda costuma sair de andada  
No meio da rua, em cima das pontes  
É só uma cabeça equilibrada em cima do corpo  
Procurando antenar boas vibrações  
Preocupando antenar boa diversão  
(Sou, sou, sou, sou, sou *mangueboy*)  
Recife, cidade do mangue  
Onde a lama é a insurreição  
Onde estão os homens caranguejos.

Mas não é fácil superar situações de fome ou depressão. A música “Da lama ao caos” (ZUMBI, 1994) canta que “O sol queimou, queimou a lama do rio / Eu vi um chié andando devagar/ E um aratu pra lá e pra

cá / E um caranguejo andando pro sul / Saiu do mangue e virou gabiru”. Aquecido pelo sol tropical o caranguejo sai do mangue e vira um gabiru, pessoa de existência desajeitada e incerta, que sai do mangue impregnada de uma viscosidade que o acompanhará para sempre pois sua condição e destino. A letra continua e lamenta tal habitar, lembrando-se de Josué de Castro: “Ô Josué eu nunca vi tamanha desgraça / Quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça”. Da lama ao caos, do mocambo à cidade rica, também o menino João Paulo, talvez não querendo cumprir a sina de tornar-se um gabiru, dava sinais de insatisfação com a vida de homem-caranguejo:

João Paulo perdera até o interesse em brincar. Já não tinha vontade de empinar papagaio na beira do mangue. De jogar bola com os outros meninos de sua idade. De morcegar o bonde do Pina até à cidade, para ver as ruas entupidas de automóveis e as vitrinas cheias de objetos estranhos, de roupas de luxo, de coisas maravilhosas fabricadas num mundo à parte, distante do seu. Tudo isto lhe era hoje indiferente. Quando não tinha trabalho, João Paulo se deixava ficar na cama, imóvel, olhos fitos na cobertura do mocambo. E pensava... Pensava só em coisas tristes (CASTRO, 1967, p. 165).

A depressão denunciada pelos caranguejos com cérebro assolava também a vida de João Paulo décadas antes, como se a lama impregnada nos corpos dos homens-caranguejos aos poucos sugasse todo o ânimo. Como se fosse uma espécie de tatuagem que insistisse em se infiltrar pelos poros, veias e órgãos, sugando a vitalidade do existir, conseguindo assim os homens-caranguejos uma cruel proeza: tão próximos da lama, do rio e do mar, tão distantes do pulsar revigorante da condição terrestre. O apelo dos caranguejos com cérebro, nesse sentido, evocara para que os habitantes procurassem novamente essa energia vital, para a partir dela construírem uma outra *Manguetown*, uma cidade que fizesse jus à fertilidade atribuída ao ecossistema

## Da geosofia como geografia cordial: a obra de Josué de Castro como insurreição ontológica

Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho

mangue. Um apelo para que da lama irrompessem criações que, de uma antena parabólica fincada na lama e de um satélite nomeado *Mangesat*, conectassem céu e terra e abrissem a possibilidade de um existir mais aterrado e autêntico. Em 1997, lamentando a morte precoce de Chico Science, Fred Zero Quatro escrevera um texto que ficara conhecido como um segundo manifesto, no qual destacou as boas vibrações que estavam a energizar as lamas e as existências dos recifenses:

Bastaram poucos anos para os produtos da fábrica mangue invadirem o Recife e comecem a se espalhar pelos quatro cantos do mundo. A descarga inicial de energia gerou uma cena musical com mais de cem bandas. No rastro dela, surgiram programas de rádio, desfiles de moda, vídeo clipes, filmes e muito mais. Pouco a pouco, as artérias vão sendo desbloqueadas e o sangue volta a circular pelas veias da Manguetown (SILVA, 2008, p. 156)

Interessante destacar que não fora um apelo para que todos os artistas seguissem um mesmo padrão ou uma mesma estética, não propuseram os caranguejos com cérebro um modelo único de revolta contra a situação de uma cidade adoentada. Fora sim um apelo para que os habitantes compreendessem a possibilidade da lama enquanto insurreição e para que, a partir disso, criassem suas próprias obras, fizessem emergir suas próprias geosofias até então encobertas e afundadas numa lama que os paralisava. Ao contemplar uma obra de Vincent van Gogh<sup>5</sup> na qual estavam pintados sapatos de um camponês, Martin Heidegger (2014, p. 28) escrevera que nela “O grito mudo da terra vibra nos sapatos [...]”, aludindo que tal obra resguardava o

<sup>5</sup> O filósofo não cita uma obra específica, mas refere-se a diversas obras da mesma temática do pintor holandês: “Escolhemos como exemplo um utensílio familiar: um par de sapatos de camponês [...] Escolhemos para esse efeito uma pintura bem conhecida de van Gogh, que pintou várias vezes tal calçado” (HEIDEGGER, 2014, p. 27).

embate terra-mundo. Nesse sentido, pensamos: evocando a lama enquanto insurreição o *Manguebeat* fez irromper geosofias até então esquecidas e distantes dos moradores do Recife, irrupção possibilitada por um apelo emergido da geograficidade, um **apelo que fizera vibrar por toda a cidade e nas mentes e corações de seus habitantes o grito mudo da Terra**. Temos com isso a obra geosófica enquanto insurreição ontológica pois que alberga pensamentos insubordinados, obra cujo apelo telúrico nos incita a uma revolta ontológica perante a cisão homem-Terra e que nos encoraja a buscarmos outros modos de habitar.

### DA INSUBORDINAÇÃO CORDIAL QUE PODE SER A GEOSOFIA

O caminhar proposto neste artigo expôs a geosofia como geografia cordial e a obra de Josué de Castro como obra geosófica, cordial: insurreição ontológica porque fruto de um pensamento aterrado emergido junto ao coração e à condição terrestre. Tal insurgência é rebeldia contra a hegemonia do pensamento euro-ocidental, que acabou por disseminar um modelo de ser-e-estar-no-mundo cujas referências pertencem aos dos mundos dos próprios colonizadores. O conhecimento geográfico aqui pensado deseja seguir na direção de outros modos possíveis de habitar, juntando-se a pensadores, artistas e movimentos que buscam outros caminhos que não o hegemônico.

A partir da obra de Josué de Castro e do *Manguebeat*, pode-se observar que as precariedades do habitar não se manifestam apenas materialmente, mas atingem a própria vitalidade do existir e trazem uma depressão profunda, tanto pessoal como coletiva. O menino João Paulo, não mais suportando tal situação, se juntou aos “heróis do mangue”, pois desejou participar da revolta e busca por uma revolução:

## Da geosofia como geografia cordial: a obra de Josué de Castro como insurreição ontológica

Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho

Nada lhe interessava mais ali. Só lhe interessava descobrir onde era a tempestade. Cortou caminhos, cruzou pinguelas, atravessou terrenos baldios e, ao chegar ao pé da ponte de Afogados, topou com a tempestade. Das barrancas do rio êle viu, lá embaixo, acorados nas margens do mangue, vários homens, armados de fuzis e metralhadoras, atirando furiosamente [...].

João Paulo desceu a barranca do rio e se misturou com aqueles homens. Não conhecia pessoalmente nenhum deles, mas sentiu que eram todos da mesma família que êle tanto admirava: da família dos heróis do mangue. Muitos deles, quase despidos como se fôssem pegar caranguejo no mangue, apenas com o corpo coberto por grandes placas de lama. Eram os mesmos cavaleiros da miséria que já tinham vivido tantas lutas heróicas na imaginação transbordante de João Paulo [...] A tempestade que os homens estavam fabricando não era para brincadeira. Não era como as tempestades que êle, João Paulo, fabricava com o Pe. Aristides para pegar guaiamu. O menino, correndo de um lado para o outro, pôs-se a ajudar a carregar as metralhadoras [...] (CASTRO, 1967, p. 167-168).

O menino João Paulo viu nas metralhadoras a possibilidade de insurgir contra uma realidade que cada vez mais o oprimia. Antes dele, Lampião comandara cangaceiros que desafiavam o poder de coronéis e governadores, sendo ele mesmo autodeclarado governador do sertão. Antes de Lampião outros cangaceiros haviam também desafiado tais poderes, Jesuíno Brilhante, Antônio Silvino, cada um a seu modo e antes deles tantos resistiram e desejaram outros mundos, Antônio Conselheiro e mais atrás é possível lembrarmos de Zumbi e do Quilombo dos Palmares. Tantos outros restam ainda distantes e esquecidos, numa história que há tempos tem privilegiado vencedores que desejam a todo custo manter a ordem e almejam desenfreadamente um progresso que sempre está por vir. Ordem e progresso para poucos, é o que ressoa na história do Brasil. Os homens de farda alegam que apenas “seguem as ordens” e assim continuam a

matar a esperança de outros mundos possíveis. Outrora capitães do mato, bandeirantes, capatazes, atualmente justiceiros travestidos de militares que procuram assegurar os anseios de seus comandantes, ou então querem a todo custo garantir que automóveis não sejam impedidos de circularem por baderneiros que insistem em não aceitar as ordens e os progressos do capital, que há tempos têm assolado florescimentos diversos pois ávido de lucros e cifras cada vez maiores.

João Paulo virou caranguejo, morreu lutando junto aos companheiros feitos de lama, tal qual ele mesmo. Seu corpo misturou-se no mangue que tão bem conhecera, o menino oriundo do sertão tornou-se mais um a alimentar o ciclo do caranguejo. Os cangaceiros de outrora já não mais existem, quiçá suas histórias, seus feitos e desfeitos, suas atrocidades e seus mitos perambulam por aí em livros e filmes. Mas é preciso lembrar que a noção de ordem e progresso estampada na bandeira nacional sufoca as histórias daqueles que procuraram resistir ao modelo de desenvolvimento que busca moldar o habitar contemporâneo, a saber um modelo insaciável de exploração da natureza, vista como mero recurso, modelo no qual a maioria das pessoas está destinada a um existir precário, a terem uma existência insalubre pois nada mais que mera mão-de-obra barata a gerarem lucros sanguinários. Cenários de fome insistem em não desaparecer, subnutrição alimentada por comidas enlatadas e industrializadas carregadas de agrotóxicos. Terras e mais terras destinadas a nelas brotarem majoritariamente combustíveis ou rações animais, rios, córregos e lençóis freáticos cada vez mais destinados a poucos, modo de produção incentivado por uma noção de progresso manca e capenga, brutalmente desigual e concentradora de riquezas.

Mas a inquietude persiste, sempre há as margens e os marginais, sempre há a possibilidade e o desejo de resistência. “Seu doutor não lhe dou ouvidos / minha cabeça tá cheia de ideias / o perfume que eu

## Da geosofia como geografia cordial: a obra de Josué de Castro como insurreição ontológica

Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho

uso não é como o seu / sai daqui da minha terra". É preciso cultivar tal desejo e resistir à homogeneização dos modos de ser-e-estar-no-mundo, é preciso que consigamos cada vez mais fazer irromper **obras geosóficas que fazem vibrar um apelo de insubordinação ao modo de pensar euro-ocidental**. A geosofia como insurreição ontológica emerge como possibilidade de cada homem voltar-se à própria condição terrestre e melhor compreender sua situação de ser-no-mundo, de compreender suas paisagens, seus territórios e seus lugares, sentimentos geográficos que pulsam na dimensão geográfica de cada existência. É preciso cultivar a coragem de pensarmos junto ao coração e de fazermos brotar outros mundos possíveis, albergados em nossas mentes e em nossos corações, mundos que exalem perfumes e ideias irrompidas da terra natal em direção ao céu.

Ao final do caminhar que este artigo se propôs a realizar, outros caminhos parecem se abrir e convidar para outros percursos a serem enfrentados. Aparecem como questões ainda misteriosas para mim: Que pode ser a poética de uma história geosófica que ressoe mais apropriada e correspondente? Em outro instante, tais possibilidades de caminhos aparecem como necessidade: **é preciso, a partir de um pensamento aterrado, nos apropriarmos da nossa história geosófica**. Eis a geosofia como necessidade. A saber, como pensamento necessário para que **habitemos a partir de nossos pontos cordiais**.

Habitar a partir de pontos cordiais, que pode ser isso? 

### REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. de. Josué de Castro: o homem, o cientista e seu tempo. **Estudos Avançados**. v.11, n.29, São Paulo, p. 169-194, Jan./Abr., 1997.

BESSE, J.-M. Géographie psychique: Notes sur l'espace comme sentiment. In: LUNA, Toni; VALVERDE, Isabel (dir.). **Paisaje y emoción: El resurgir de las geografías emocionales**. Barcelona: Observatori del Paisatge de Catalunya; Universitat Pompeu Fabra, p. 97-114, 2015.

CASTRO, J. de. **Documentário do Nordeste**. 2. ed. São Paulo: Editôra Brasiliense, 1959.

CASTRO, J. de. **Homens e Caranguejos** (Romance). São Paulo: Editora Brasiliense, 1967.

DAL GALLO, P. M. **A ontologia da Geografia à luz da obra de arte: o embate Terra-mundo em "Out of Africa"**. 2015. 97 p. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ESCOBAR, A. **Sentipensar con la tierra**. Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014.

GALVÃO FILHO, C. E. P. **Por abismos... casas... mundos...**: a geosofia como narrativa fenomenológica da geografia. 2016. 1 recurso online (120 p.). Dissertação (mestrado em Geografia). Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

HEIDEGGER, M. **Serenidade**. Trad. Maria Madalena Andrade e Olga Santos. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

HEIDEGGER, M. **Ensaio e Conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Chuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006.

HEIDEGGER, M. **Introdução à filosofia**. Trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Trad. Fausto Castilho. Campinas: Unicamp; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

## Da geosofia como geografia cordial: a obra de Josué de Castro como insurreição ontológica

Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho

HEIDEGGER, M. A origem da obra de arte. In: HEIDEGGER, M. **Caminhos de Floresta**. Trad. Irene Borges-Duarte, Filipa Pedroso, Alexandre Franco de Sá, Hélder Lourenço, Bernhard Silva, Vítor Moura, João Constâncio. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014, p. 5-94.

HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLZER, W. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Território**. Rio de Janeiro, ano II, nº 3, p. 77-85, jul. / dez. 1997.

HOLZER, W. Mundo e Lugar: ensaio de Geografia Fenomenológica. In: HOLZER, W., OLIVEIRA, L. (Orgs). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia e fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 281-304.

HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental**. São Paulo: Forense Universitária, 2012.

LOWENTHAL, D. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da Geografia**, São Paulo: DIFEL, 1982, p. 103-141.

MARANDOLA JR., E. Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento. **Geosul**. Florianópolis, v.25, n.49, p7-26, jan. / jun. 2010.

MARANDOLA JR., E. Heidegger e o pensamento fenomenológico em Geografia: sobre os modos geográficos de existência. **Geografia**, Rio Claro, v. 37, n. 1, p. 81-94, jan. / abr. 2012.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Fenomenologia do ser-situado**: crônicas de um verão tropical urbano. 2016. Tese (Livre Docência em Ambiente

e Sociedade). Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas, Limeira, SP.

MELO, Marcelo Mário de Melo; NEVES, Teresa C. W. **Josué de Castro**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2007. 323p. [Perfis parlamentares n. 52]

NOGUERA, A. P. **Cuerpo – Tierra**. El Enigma, El Habitar, La vida. Potencias de un Pensamiento Ambiental en clave del Reencantamiento del Mundo. Madrid: Editorial Académica Española, 2012.

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as Ciências**. 16 ed. Porto: Edições Afrontamento, 2010.

SILVA, G. P. da. **"Mangue"**: moderno, pós-moderno, global. 2008. 162 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

TENDLER, S. **Josué de Castro, Cidadão do Mundo**. 50 min. 33 segs., 1995.

TESSER, P. Mangue Beat: húmus cultural e social. **LOGOS 26**: comunicação e conflitos urbanos. Ano 14, p. 70-83, 1º semestre 2007.

WRIGHT, J. K. The history of geography: a point of view. **Annals of the Association of American Geographers**. v. 15, p. 192-201, 1925.

WRIGHT, J. K. *Terrae incognitae*: o lugar da imaginação na Geografia. Trad. Leticia Pádua. **Geograficidade**, v. 4, n.2, p. 4-18, Inverno 2014.

ZUMBI, Chico Science & Nação. **Da lama ao Caos**. CD/LP. Estúdio Nas Nuvens, Rio de Janeiro-RJ, 1994.

ZUMBI, Chico Science & Nação. **Afrociberdelia**. CD/LP. Estúdio Nas Nuvens, Rio de Janeiro-RJ / Estúdio Mosh, São Paulo-SP, 1996.

Submetido em Janeiro de 2018.

Revisado em Abril de 2018.

Aceito em Abril de 2018.